

Revista da Extensão

Nov 2012 / Nº5
ISBN 984 7565484

Entrevista com **Sandra de Deus**
presidente do FORPROEX

Projeto social cidadania.com:
guia online de cidadania no
município de São Leopoldo

Percepção ambiental: um novo
olhar para o meio ambiente

Viabilização sócio-ambiental da
suinocultura no município de
Porto Alegre através do projeto
de reaproveitamento de resíduos
sólidos orgânicos

A psicologia no contexto jurídico:
reflexões sobre possibilidades de
um programa de mediação de
conflitos

Promoção de saúde: vivências
e sentidos no trabalho com a
comunidade

Mediação familiar: reflexões
sobre o princípio da fraternidade

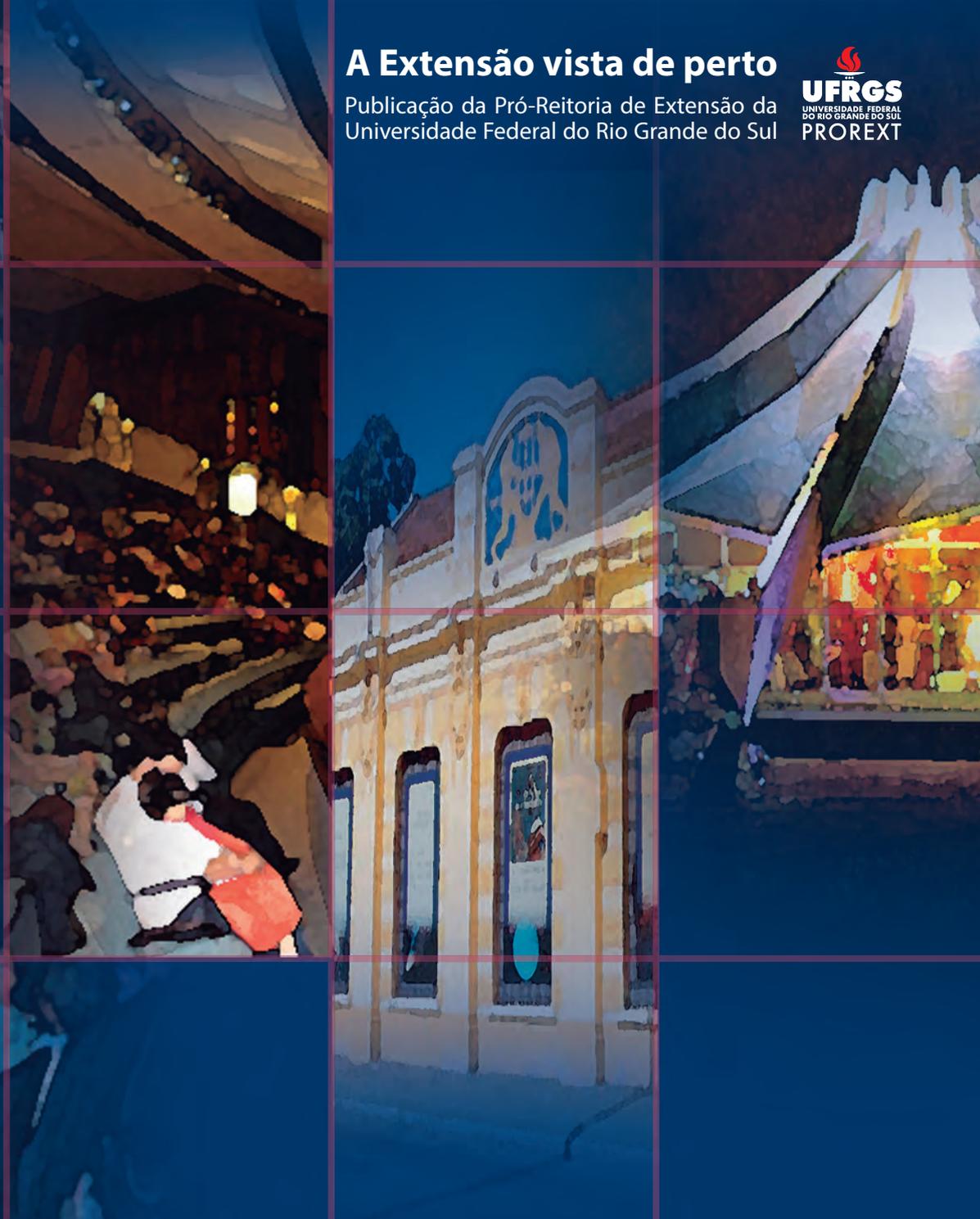
Práticas de ensino de ciências
em laboratório: refletindo
uma experiência na escola de
educação básica

Construção de bases educativas
para percepção de bacias
hidrográficas: experiência em
parceria da universidade com
escolas de Juiz de Fora – MG

O campo dos estudos em
alimentação e a trajetória
do Núcleo de Estudos
Interdisciplinares em Cultura e
Alimentação/UFRGS

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Sandra de Deus e da Extensão

Entrevista e Fotografias: Leandro Soares Rodrigues | Coord. do Núcleo de Divulgação da PROEXT

Ela é pró-ativa e segue um ritmo alucinante. É presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), Pró-Reitora de Extensão da UFRGS, jornalista, professora, coordenadora do Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, mãe e dona de casa. **Sandra Fátima Batista de Deus** não é só trabalho. Arranja tempo para se exercitar, confraternizar com amigos, manter uma pequena horta em seu apartamento, viajar – a trabalho ou lazer –, ouvir ou assistir os jogos do Sport Club Internacional de Porto Alegre (seu time do coração), e apreciar as atividades culturais promovidas na Universidade.

Nascida em São Vicente do Sul - RS, cidade próxima de Santa Maria, essa gaúcha venceu preconceitos e há muito tempo é envolvida com extensão universitária. Viu a atividade crescer e se modificar, e vem participando dessa transformação, colaborando ativamente para qualificá-la. Pró-Reitora de Extensão desde 2008, recentemente foi reconduzida ao cargo por mais quatro anos. Em 2012, também foi eleita presidente do FORPROEX, aonde vem trabalhando pela aprovação de uma Política Nacional de Extensão Universitária e por uma maior integração dos extensionistas latino-americanos.

Revista da Extensão: Quem é a Sandra de Deus?

Eu sou uma jornalista. Aluna de universidade pública, no meu tempo não tinha Pro-Uni, não tinha outros benefícios para os estudantes. O que tínhamos era um programa de apoio ao estudante que se chamava “crédito educativo”. Os estudantes

de origem pobre poderiam receber o crédito educativo, mas depois, ao se formarem, em dois anos deveriam devolver o recurso. Nessa época, eu estava na universidade e meu irmão fazia o curso de Veterinária. Na Veterinária existia um programa de ingresso que era próximo ao que entendemos hoje como “cotas” ou reserva de vagas. Era reconhecido na época como “Lei do Boi”.

Os filhos de fazendeiros entravam na universidade sem vestibular e com benefício para fazer o curso de Veterinária. Já os filhos dos trabalhadores do campo, ou, enfim, um estudante que não fosse filho de fazendeiro e quisesse fazer Veterinária, tinha que fazer vestibular como qualquer outro. Eu e meu irmão somos desse período na Universidade Federal de Santa Maria. Desde o secundário me envolvi com o movimento estudantil. Dentro da universidade também, com questões político-partidárias, e sobretudo com atividades de extensão. Eu fui uma estudante extensionista na universidade, então essa experiência me dá uma base bastante grande. Terminei o curso de Jornalismo no momento que toda a nossa geração estava construindo alternativas políticas no país.

RdE: Como foi o convívio com a ditadura civil-militar?

Na verdade, eu sou de uma geração posterior ao golpe de 1964. O que quer dizer que eu não peguei a ditadura militar. Estou com 55 anos, e não cheguei a pegar a ditadura no período de maior repressão. Isso se deu também porque fui criança do campo, no meio rural pouco se sabia do restante do país, era um mundo muito particular. Hoje a vida no campo não é mais assim tão isolada em termos de acesso às informações. Eu peguei, como adolescente, o final da ditadura já no final do

meu curso universitário. Era o início do processo de abertura política, e o início de construção do PT [Partido dos Trabalhadores]. Éramos um grupo de estudantes universitários de Santa Maria, um grupo grande, na verdade, que fez a construção do PT na cidade e no Rio Grande do Sul.

RdE: Já trabalhavas como jornalista?

Sempre trabalhei como jornalista. Eu comecei a trabalhar em rádio aos 17 anos, quando entrei na faculdade de Jornalismo. Eu digo que até hoje não deixei de trabalhar em rádio, porque mesmo não estando atualmente dentro de uma emissora de rádio no dia-a-dia, eu dou aula de radiojornalismo, o que significa que eu trabalho com rádio.

Essa paixão é derivada de uma formação familiar. Eu nasci e cresci ouvindo rádio. Como muitas famílias do interior, ouvíamos muito rádio e muito futebol. Então, os amores pelo rádio e pelo Internacional estão juntos, eles são da mesma época, desde a infância.

RdE: Foi essa paixão pelo rádio que te levou a ser jornalista?

Sim. Depois que entrei na universidade foi que entendi que pra trabalhar com rádio teria que ser jornalista. Então fui fazer jornalismo. Na época, ou melhor, quando se fala em 'época' pode parecer muito estranho, mas isso são os anos de 1976, 1977, 1978, que é o período em que eu



estou terminando o segundo grau [atual ensino médio]. Era muito estranho pensar que uma moça de família tradicional e pobre do interior fosse querer ser jornalista, porque não era uma profissão feminina. Hoje nós vemos as redações e os bancos das universidades completamente femininos, mas em tempos passados era inviável. As moças de famproreílias decentes ou eram professoras ou eram enfermeiras. Talvez pra agradar meu pai eu tenha me tornado professora, porque era um sonho dele. Como essas as trajetórias são interessantes, tu fazes um percurso que, na verdade, tem um compromisso com a sociedade. Eu me formei em jornalismo para me tornar professora.

RdE: Como foi trabalhar na Folha da Tarde?

Eu tive uma grande escola de jornalismo porque fui funcionária do antigo Grupo Jornalístico Caldas Júnior e que me ensinou a fazer textos como ninguém. Fui repórter da Folha da Tarde, primeiro como aluna estagiária, e depois como recém formada. Então havia grandes profissionais e onde aprendi a fazer textos jornalísticos. Mas nunca deixei de fazer rádio, essa era e continua sendo a minha paixão. Isso tudo aconteceu em Santa Maria, uma cidade que em determinado período histórico, foi centro cultural e de dinâmica política do Rio Grande do Sul. É preciso dizer que foi lá que eu terminei a faculdade, comecei um curso de Filosofia, fiz especialização na área de política brasileira, e mestrado na área de Extensão Rural. Eu tinha o viés da Extensão desde a graduação. Foi na cidade de Santa Maria em que casei, tive filha e fiquei viúva. Tive toda uma trajetória de vida em Santa Maria.

RdE: E veio para Porto Alegre quando?

A minha vinda para Porto Alegre foi para trabalhar em rádio. Eu fui trabalhar na Rádio Gaúcha. Depois de ficar um tempo na Gaúcha, fiz concurso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por pura opção. Recentemente,

dizia aos meus alunos que um dia eu trabalhei na Rádio Gaúcha, fui chefe de reportagem e optei pela Universidade. Todo mundo pergunta: “- tu deixaste o rádio que é tua paixão, pra ser uma professora universitária?”. A universidade em princípio parece não tem o mesmo glamour do rádio, mas, na verdade, eu trazia esse compromisso com a universidade pública. Por outro lado, também achei que chegou o momento que eu poderia ensinar o jornalismo, isso também era uma coisa interessante. Fiz o concurso na Universidade, isso em 1997, 1998, e assumi as cadeiras de rádio na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS] como outro compromisso social. Talvez seja essa uma terceira paixão, ou prazer, dar aulas na graduação, porque eu fiz um concurso para formar jornalistas, que é a única coisa que eu achava e acho até hoje que eu sabia fazer. Então tinha que dar aulas na graduação, o que faço até hoje com muito prazer e satisfação. São sempre aulas que levam à formação. Não estou formando pesquisadores, estou formando jornalistas, que são profissionais cada vez mais jovens e cada vez com mais dúvidas. A trajetória que me trouxe até a Universidade percorre esse caminho.

RdE: E como é a tua trajetória com a Extensão?

Como aluna que fazia Extensão Universitária isso me leva – e talvez as relações não sejam tão próximas – mas, em algum momento elas se aproximam, a fazer um mestrado na área de Extensão Rural, porque tinha toda uma vinculação com o campesinato. Faço parte de uma geração que se pautava muito por uma discussão e formação fortemente marxista. Eu fiz um mestrado no Programa de Pós Graduação em Santa Maria que tinha muito esse viés da discussão do campesinato integrada à questão da América Latina. Algumas influências teóricas eram de origem francesa, mas sempre na direção da extensão. Sempre fui uma professora vinculada à extensão, por entender que uma universidade é ensino, extensão e

pesquisa. Um bom exemplo é o fato de que, quando ingressei na UFRGS, apresentei projeto de extensão e não de pesquisa, para cumprir o estágio probatório. Acho que a extensão tem uma contribuição valiosíssima na formação dos profissionais. Não é só formação técnica. O profissional precisa ser completo, ele precisa saber com o que ele vai lidar, quais os compromissos que ele tem com a sociedade. É o compromisso da Universidade com a sociedade, uma relação de troca que alimenta a pesquisa e que fortalece o ensino. Por isso, sempre estive voltada para a extensão. Em alguns momentos, estive muito próxima da discussão teórica da extensão universitária, em outros menos, mas sempre compreendendo desde a origem da extensão universitária brasileira, como ela se processa, que viés tem, seu processo de fortalecimento até chegar aos dias atuais.

RdE: Participaste também ativamente da gestão da Universidade?

Preciso dizer que na universidade fui só professora por apenas dois ou três anos. Fui Chefe de Departamento na FABICO, Diretora da Rádio da Universidade, Secretária de Comunicação da UFRGS, e estou em um segundo mandato como Pró-Reitora de Extensão.

RdE: Como a primeira gestora da Secretaria de Comunicação da UFRGS. Como foi isso?

Foi um projeto muito interessante iniciado na gestão da Reitoria do professor [José Carlos Ferraz] Hennemann. A Universidade não tinha até então uma Secretaria de Comunicação - SECOM. Nessa época, com um grupo de alunos, se pensou uma proposta de criação de Secretaria de Comunicação. Eleito reitor da Universidade o professor Hennemann incorporou a ideia de criar uma SECOM. Como quem cria ou dá a luz deve embalar a criação, eu tive a ideia, portanto, assumi a Secretaria de Comunicação, que fizemos funcionar a partir daquela gestão.

RdE: Foi nesse período que também iniciou a tua história no FORPROEX?

Um pouco antes, na verdade. Em 2002, eu estava na direção da Rádio da Universidade e foi quando o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão [FORPROEX] implantou as suas áreas temáticas. Naquela época, a decisão era que as oito áreas temáticas seriam coordenadas por pessoas 'experts' nas respectivas áreas. Direitos Humanos, por exemplo, seria coordenado por alguém que trabalhasse com direitos humanos em alguma das

FORPROEX

O FORPROEX (Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras) é a mais importante entidade de formulação de políticas de Extensão no país. Congrega Pró-Reitores de Extensão de mais de 100 universidades públicas brasileiras, entre federais (UFRGS, UFBA, UFRJ), estaduais (USP, UNICAMP, UERJ, UERGS) e municipais.

Entre suas ações se destacam a articulação com dirigentes de instituições de educação superior para o encaminhamento das proposições do fórum, o desenvolvimento de ações conjuntas entre as diferentes instituições de ensino superior e o constante estudo de ações de inserção social das universidades públicas através das instituições da sociedade civil, do setor produtivo e dos poderes constituídos.

A Lei de Extensão

Uma das mais importantes reivindicações do FORPROEX, o Projeto de Lei de Extensão pretende criar diretrizes nacionais para o exercício das atividades de extensão universitária e suas congêneres nas Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e instituições públicas de pesquisa científica e tecnológica brasileiras. Estrategicamente importante para orientar a construção de políticas públicas, a lei visa a fixação de diretrizes normativas gerais para a Extensão.



universidades, não necessariamente um pró-reitor, mas um pró-reitor teria que indicar esse coordenador. Na época eu era diretora da Rádio da Universidade e o professor Fernando Meirelles era o Pró-Reitor de Extensão. Ele decidiu que eu, como diretora da Rádio, era uma pessoa que poderia nacionalmente comandar essa área de comunicação no Fórum. Então, naquele ano eu fui para o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão como a Coordenadora Nacional da área Temática da Comunicação. Isso me fez montar todo o referencial teórico de comunicação da extensão universitária brasileira, que era importante porque o fórum tinha que estabelecer políticas. Devido à minha atuação extensionista, em 2008, o reitor Carlos Alexandre Netto me convidou para ser a Pró-Reitora de Extensão da Universidade, onde estou há quatro anos. Desde que assumi como Pró-Reitora de Extensão participei ativamente do FORPROEX fazendo uma discussão sobre a extensão universitária brasileira. Afinal de contas qual é o papel da extensão nas

universidades? Como a gente tem que se colocar? Quem são os nossos interlocutores internos e externos? Quando falo externos me refiro também aos interlocutores de fora do país. São questionamentos que se fazem necessários para o desenvolvimento da atividade extensionista.

RdE: *Que desafios há pela frente agora, como presidente do FORPROEX?*

Toda essa trajetória e acúmulo de discussão e também a bondade dos colegas – nós temos grandes quadros da extensão universitária no país –, me levaram, em maio desse ano [2012], a ser eleita presidente do FORPROEX. O mandato é de um ano para a presidência do Fórum, o que implica tocar as políticas de extensão que nós temos junto às universidades e ao governo. Realizar acordos com diferentes instituições do governo para o reconhecimento, para a formação do estudante, na compreensão de que estudante não se forma só dentro da sala de aula, nas suas

disciplinas, mas ele se forma como um ser completo para atuar na sociedade. Isso exige bastante dos pró-reitores de extensão, exige do Fórum [FORPROEX], que tem que traçar políticas nacionais. É verdade que já tivemos muitas conquistas, como o crescimento dos programas de apoio à extensão e a inclusão de uma área dedicada à extensão no currículo Lattes, mas ainda há muito o que avançar. A implantação do programa Josué de Castro, que investimos esperança e energia, vem sendo engavetado e tendo os recursos reduzidos. Também estamos solicitando junto ao governo, em alguns momentos com mais veemência, que 10% dos créditos curriculares sejam completados com atividades de extensão universitária conforme indicado no Plano Nacional de Educação (PNE). Eles não foram efetivados no PNE anterior e entendemos que com o novo Plano deverão ser. No mínimo 10% dos créditos curriculares dos cursos de graduação de todas as universidades brasileiras deverão ser constituídos por atividades extensionistas até 2020. Outro ponto importante para que a Extensão tenha o reconhecimento e o prestígio que lhe corresponde é a aprovação de nossa proposta de Lei da Extensão, que ainda estamos buscando apoio político. Enfim, é necessário que a extensão universitária esteja no coração e no bolso dos dirigentes para que atinja os objetivos de constituir-se como atividades de formação e de compromisso social.

RdE: E a relação com nossos vizinhos latinoamericanos que fazem extensão universitária?

Entendemos que não podemos ser uma ilha que contemple apenas a língua portuguesa, isolada dos demais países latino-americanos. Nós devemos ter uma relação mais próxima com os companheiros extensionistas da América Latina e do Caribe. Com esse objetivo nós conseguimos, nos últimos anos, criar mecanismos voltados para a maior integração. Eu mesma, em nome do Fórum, nos últimos quatro anos venho participando como representante do Brasil na União Latinoamericana de Extensão Universitária

(ULEU). Em julho de 2012, fizemos aqui em Porto Alegre, uma reunião com os dirigentes da Extensão Universitária da América Latina e do Caribe. Não podemos ficar isolados do avanço necessário que deve buscar a expansão da extensão universitária brasileira na direção dos outros países. Nós podemos e devemos trocar experiências e refletir sobre o que fazemos. O que implicam encaminhamentos de parcerias e a definição de questões fundamentais para o desenvolvimento da extensão universitária nos países da região.

RdE: Como contextualizar a nossa extensão universitária no âmbito da América Latina?

Em termos de América Latina não dá pra gente fazer comparação porque esse é um universo muito complexo. Há países onde se tem apenas uma universidade pública como é o caso do Uruguai. Há países em que universidades públicas e privadas são todas iguais, não existem muitas diferenças entre elas. Há situações, como a nossa, em que temos universidades públicas, comunitárias e privadas, em que as públicas se dividem em: federais, estaduais e municipais. Para nós explicarmos essa diversidade para os colegas latino-americanos já é uma dificuldade. Então a comparação é muito difícil. Por exemplo, se pegarmos o caso do Uruguai que tem uma extensão universitária totalmente comprometida com o movimento social e onde inclusive os estudantes são coordenadores das ações de extensão teremos especificidades locais. Temos outros países em que a extensão universitária se dá apenas como assistência social. Por outro lado, os recursos são pequenos em todos os países. A melhor situação ainda é a brasileira, todos ficam fascinados com os recursos que nós temos para realizar ações de extensão universitária. Eles demoram a compreender a estrutura que nós temos no sistema de ensino público brasileiro, e também as lutas que empreendemos para chegar onde estamos. A aproximação da nossa extensão com os demais países é um processo complexo, mas todos estão dispostos a aprender uns com os outros. ◀